

Um olhar estrangeiro na História do Brasil: a influência das pesquisas norte-americanas na historiografia sobre o Brasil

Tiago Losso*

Resumo: O ensaio tem como tema a conexão entre as categorias elaboradas por ideólogos do Estado Novo e a historiografia sobre o Brasil republicano. É analisada a relação entre Alzira Vargas do Amaral Peixoto, responsável pela memória de seu pai, Getúlio Vargas, e historiadores; e a existência de conexões argumentativas entre o discurso oficial do Estado Novo e a historiografia sobre o Brasil republicano, tomando-se como foco de investigação a biografia de Oswaldo Aranha, escrita por Stanley Hilton.

Palavras-chave: História do Brasil; Pensamento Social Brasileiro; Historiografia

Abstract: This essay observes the connexions among the categories elaborated by ideologists of the Estado Novo in the historiography of the republican Brazil. It's analyzed the relationships among Alzira Vargas do Amaral Peixoto, who is responsible for the memoires of her father - Getulio Vargas, and historians, as well as, the existence of argumentative connexions between the Estado Novo official discourse and the historiography about the republican Brazil, based on the investigation of Oswaldo Aranha's biographie, written by Stanley Hilton.

Key Words: Brazilian History, Brazilian Social Thinking, Historiography

No segundo volume de *O ciclo de Vargas - A grande marcha*, publicado em 1964, Hélio Silva dedica dois parágrafos de sua *Página de Gratidão* a alguém que teria sido fundamental para a realização de seu trabalho:

Quero e devo, porém, destacar um nome nimbado de ternura. Desejaria dizer-lhe a minha gratidão em palavras que tivessem o timbre amigo da voz paterna. Porque é a uma filha que me dirijo. A uma senhora de cabelos grisalhos e olhos melancólicos, em quem até o sorriso se tornou triste. E calou suas queixas e dominou sua emoção para dar a seu pai um derradeiro tributo de saudade, abrindo-me arquivos até então cerrados para que pudesse escrever a verdade.

Nada pediu, além de justiça. (SILVA, 1964)¹

Hélio Silva não a nomeia imediatamente, mas trata-se de um agradecimento a Alzira Vargas do Amaral Peixoto (AVAP), filha dileta de Getúlio Vargas, sua colaboradora desde os primeiros anos no Palácio do Catete até o seu suicídio. Fora influente protagonista² em eventos que agora pretendia que fossem relatados de forma pretensamente coerente e justa,

* Doutor em Ciências Sociais. Pesquisador do Núcleo de Estudos do Pensamento Político, Nepp/Ufsc.

1 Como dado pitoresco, após os parágrafos citados há uma lista nominal de agradecimentos, meticulosamente organizada em ordem alfabética. O nome de Alzira Vargas do Amaral Peixoto é o único fora de ordem, encabeçando a lista que se estende por duas páginas.

2 Getúlio Vargas passa a tratá-la como sua “segunda consciência” já em 1932. (Peixoto, 1960:60).

transformando-se, assim, na “guardiã da memória” do pai e de sua atuação pública (Nedel, 2008).

O objetivo deste ensaio é começar a explorar algo que pode ser um canto escuro no campo de investigação sobre o pensamento social brasileiro, qual seja, a penetração de categorias elaboradas pelos ideólogos e protagonistas da *Era Vargas* na historiografia sobre o Brasil republicano, em especial naquela preocupada com a política.

Como esboço da enorme empreitada que seria a análise desta penetração, tomarei *Oswaldo Aranha – uma biografia*, escrita por Stanley Hilton e publicada em 1994, como foco de análise empírica. Pretendo explorar a existência de elementos do discurso oficial do Estado Novo na narrativa construída por Hilton, transformados, assim, em categorias históricas. A hipótese geral que organizará meu argumento é a de que a historiografia política sobre o Brasil republicano assumiu o mesmo *compromisso* de Hélio Silva, e acabou construindo categorias de análise que possuem estreitas conexões semânticas com idéias elaboradas e difundidas por entusiastas da ordem montada em 1937, escrevendo a história segundo a orientação dos detentores do espólio – material e simbólico – dos que se arvoraram o papel de protagonistas fundamentais e decisivos dos eventos analisados³, e *Oswaldo Aranha – uma biografia* pode ser tomada como exemplo deste fenômeno.

O cuidado com a História

A escrita da história é aberta a interpretações, e sua direção não lhe é intrínseca. O historiador seleciona elementos, estabelece nexos causais, identifica recorrências e ausências, rupturas e continuidades, construindo um mosaico inteligível sobre o passado, pretensamente permitindo ao contemporâneo compreender o significado de eventos dos quais ele está separado temporalmente.⁴ Ao coletar as relíquias que compõem sua narrativa, o historiador faz opções, e deixa sua marca nos eventos que investiga e narra. Leve-se em conta ainda que os fundos consultados, os documentos disponíveis e o acesso a arquivos privilegiados interferem, por sua vez, na ótica sob a qual os *factos* serão percebidos. Dois casos ilustram a relevância desse último conjunto de condições.

Alzira Vargas do Amaral Peixoto carregou consigo, literalmente, uma fonte imensa de informações sobre eventos nos quais ela, seu pai e diversas outras figuras conhecidas da

3 Cabe lembrar não apenas a preocupação declarada de Alzira Vargas do Amaral Peixoto de interferir na escrita da história sobre seu pai e sua época (Nedel, 2008), mas também a estreita colaboração dos descendentes de Oswaldo Aranha com seu biógrafo (*Prefácio*. Hilton, 1994.).

4 A descrição dessa “dinâmica” da prática historiográfica é inspirada no argumento de Bevir (1999). O autor está se referindo à lógica de construção específica da história intelectual, proposta aqui como uma postura adequada à compreensão da prática historiográfica em geral.

historiografica da república estiveram envolvidos. Sua relação com Getúlio Vargas transcendeu a relação entre pai e filha. Ao longo de décadas, AVAP esteve estreitamente ligada ao cotidiano e à dinâmica do governo de seu pai, das agitações da década de 1930, passando pela ditadura inaugurada em 1937, chegando ao governo eleito da década de 1950. Sob o Estado Novo, teve seu primeiro cargo oficial de relevo, como Auxiliar de Gabinete da Presidência da República, entre 1937 e 1945 (DHPP, p. 4494). Com a volta do pai ao Executivo da República, eleito presidente, AVAP ocupou nova função pública, acabando por aproximar-se novamente do centro do poder, estando diretamente envolvida com a crise que culminou no suicídio de Getúlio Vargas, em 1954 (DHPP, p. 4495).

Ao sair da vida e entrar na história, Getúlio Vargas acabou reorientando a atuação política de sua filha, que passou a circular apenas nas cercanias da política institucional. Após um retiro nos EUA, onde avaliou sua vida sem o pai, volta ao Brasil determinada a ser a guardiã da memória de Getúlio Vargas e de seu legado como homem público (Nedel, 2008). Numa imagem, AVAP sai com o pai da vida pública e mergulha na história, uma outra arena de disputas políticas.

Um dos mecanismos utilizados para atuar na história foi o manejo de um rico acervo documental, depositado e hoje em processo de organização no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, CPDOC/FGV, devendo constituir-se no Fundo AVAP (Nedel, 2008). Tendo acumulado o acervo ao longo de meio século, AVAP foi criteriosa ao permitir sua consulta, conscientemente selecionando pesquisadores que, pretensamente, escreveriam a história de maneira justa, e chegando a comentar versões de textos escritos a partir da base documental constituída por seu arquivo (Nedel, 2008). O primeiro pesquisador a escrever sobre os eventos dos anos 1920, 1930 e 1940 que consultou seu arquivo foi justamente Hélio Silva, quem não somente tinha autorização para consulta, mas também para levar consigo documentos para serem analisados posteriormente (Nedel, 2008). A facilidade de acesso a esses documentos conferiu a Hélio Silva uma visão particular dos eventos ali documentados, um panorama narrado em vários volumes que cobrem grande parte da trajetória política do grupo envolvido com o movimento de 1930⁵. Outro pesquisador com acesso privilegiado aos documentos foi o brasilianista Stanley Hilton.

Além do manejo de arquivos públicos (Moreira, 1990), Hilton teve o privilégio de contar com a confiança de AVAP, com quem mantinha uma relação de cordialidade e relativa intimidade. Além de dividir suas alegrias com a guardiã de memória do clã Vargas, Hilton

5 cf. **O ciclo Vargas**, 10 vol.

contou também com as anotações dela sobre pesquisas em andamento, lhe apresentou pesquisadores norte-americanos que chegavam ao Brasil e a tomou como fonte para seus escritos. As relações de Hilton com uma figura importante da família Vargas, portanto, é marcada pela relação de cordialidade, com sinais de intimidade, devem ser tomadas como elemento relevante para efeitos de compreensão das intenções e significados da sua prática historiográfica. As relações de Hilton com a família Aranha também são marcadas pela cordialidade.

No já citado prefácio da biografia de Aranha, Hilton deixa clara a importância que os herdeiros de Oswaldo Aranha tiveram no momento da coleta de dados, enormemente facilitada pela “gentileza” dos filhos do biografado, pela “generosidade” da sua família, além dos netos “excepcionalmente prestativos” (Hilton, 1994:x).

A relação entre historiadores e controladores de arquivos, principalmente quando privados, portanto, constitui-se numa forma de alimentação do processo de elaboração da história. O acesso aos documentos, portanto, torna-se peça fundamental para a orientação dos rumos que uma pesquisa assumirá e é, conseqüentemente, fator de forte influência no desenho dos resultados da pesquisa.

Um olhar estrangeiro

A historiografia sobre o Brasil republicano contou com a relevante de especialistas norte-americanos, em sua maioria acadêmicos e autores de livros influentes, que constam mesmo na bibliografia de historiadores brasileiros. Apesar da não-unanimidade sobre o uso do termo, ou sobre seu significado definitivo (Massi, 1990), esses especialistas serão aqui nomeados brasilianistas, visto tratar-se de termo que atualmente circula em meios acadêmicos tanto brasileiros quanto norte-americanos. (Barbosa, 2002:15). O interesse pelo Brasil começa a aparecer entre acadêmicos norte-americanos já na década de 1950, quando 14 títulos de PhD sobre temas relacionados ao Brasil foram obtidos em universidades norte-americanas (Bieber in Almeida, 2002).⁶

A década de 1960, por sua vez, é o momento fundamental para a conformação atual dos programas de pós-graduação de universidades norte-americanas dedicados a temas brasileiros, quando centenas de trabalhos são produzidos em conceituadas instituições norte-americanas, formando os futuros responsáveis pelos cursos de história do Brasil a serem dados nos anos seguintes (Bieber in Almeida 2002).

6 Segundo Bieber (in Almeida, 2002:198), em sua maioria dos títulos obtidos em “cursos de pós-graduação de Berkeley, Stanford, Illinois, Columbia e da Catholic University”.

Entre os brasilianistas, a *era Vargas* constitui-se, desde o início, num importante foco de atenção, num discurso então pautado por uma forte vertente empírica (Pontes, 1990). Robert Levine, por exemplo, publica *The Vargas Regime: the critical years, 1934-1938*, em 1970.⁷ Levine é considerado da primeira geração de *brasilianistas* típicos, e um detalhe de sua trajetória ilustra muito bem uma característica desses pesquisadores, qual seja, o acesso privilegiado a documentos públicos e privados. Tendo a *era Vargas* como tema de pesquisa, Levine contou com a consulta dos arquivos pessoais de Getúlio Vargas, franqueada por Alzira Vargas do Amaral Peixoto (McCann apud Bieber in Almeida 2002:199).

Para uma das mais relevantes vertentes da produção brasilianista, a história política, a relação com as fontes é de suma importância. Os documentos “embasam” os textos, conferindo-lhes o rigor empírico exigido pela academia. A possibilidade de consultar arquivos variados não só permite uma boa perspectiva, como também indica caminhos de reflexão.

Os brasilianistas da geração de Stanley Hilton, portanto, não só compartilham uma mesma formação historiográfica, chegando ao Brasil com conceitos já construídos sobre uma realidade que pouco conheciam⁸, como em alguns casos contaram com guias nativos que lhes indicaram caminhos para suas pesquisas.

Oswaldo Aranha – uma biografia

Stanley Hilton pode ser caracterizado como um típico brasilianista. Esteve no Brasil pela primeira vez em 1966, coletando dados para sua tese de doutorado que versava sobre a política externa brasileira nos anos 1930. Hilton afirma ter sido durante as consultas realizadas à época, no Arquivo Oswaldo Aranha, que despertou para o farto material que um biógrafo adoraria ter em mãos (Hilton, 1994:ix). Então com 26 anos, Hilton iniciava ali uma relação com o Brasil, com sua história e personagens, que ao longo das próximas duas décadas renderia bons frutos. Uma listagem inicial conta 07 livros⁹ e seis artigos em

7 Publicado pela Columbia University. A edição brasileira é do mesmo ano, pela editora Nova Fronteira.

8 Como bem ilustrado na seguinte fala de Thomas Skidmore, ao comentar o início de suas pesquisas sobre o Brasil: “Pessoalmente nunca havia considerado nada, absolutamente nada, em termos de estudos latino-americanos... Meus conhecimentos eram tão rasos... Só sabia que o idioma falado no Brasil não era espanhol e que a capital do Brasil não era Buenos Aires (...)” (apud Meihy, 1990:257-258).

9 *Brazil and the Great Powers, 1930-1939: The Politics of Trade Rivalry* (Austin: University of Texas Press, 1975). *Hitler's Secret War in South America, 1939-1945: German Military Espionage and Allied Counter-Espionage in Brazil* (LSU Press, 1981; paperback editions, Ballantine 1982 and LSU Press 1999). *A Guerra Civil Brasileira: História da Revolução Constitucionalista de 1932* (Rio de Janeiro: Editôra Nova Fronteira, 1982). *Rebelião Vermelha* (Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1986). *O Ditador e o Embaixador: Getúlio Vargas, Adolf Berle, e a Queda do Estado Novo* (Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1987). *Brazil and the Soviet Challenge, 1917-1947* (Austin: University of Texas Press, 1991). *Oswaldo Aranha: Uma Biografia* (Rio de Janeiro: Editôra Objetiva, 1994). Lista obtida em <http://www.artsci.lsu.edu/hist/> (acesso em 02/02/2009).

periódicos científicos¹⁰, publicados a partir do início dos anos 1970, em que o tema de pesquisa recorrente é a *era Vargas*.¹¹ *Oswaldo Aranha – uma biografia* é apontada como o retorno de um pesquisador calejado ao assunto que lhe interessou no início da carreira. De acordo com a apresentação feita pela editora, trata-se da trajetória de Oswaldo Aranha contada por um “Doutor em política externa do Brasil nos anos 30” (Hilton, 1994).

A periodização da trajetória de Oswaldo Aranha, conforme proposta por Hilton, confunde-se com a periodização de eventos marcantes da História do Brasil. O papel protagonista de Aranha é ressaltado através dessa opção, sendo que os anos entre 1929 e 1944 são acompanhados com mais relevo. Trata-se, como afirma o autor, de uma “biografia política cujo enfoque não é a vida particular de Aranha, mas sua atuação no palco nacional” (Hilton, 1994:x. Grifado no original).

Argumento que a periodização proposta por Hilton na biografia de sua autoria, evidencia seu compromisso com a história vista do ângulo da elite envolvida nos eventos narrados, em especial a elite que obteve sucesso em seus intentos políticos. Sua narrativa, suas fontes e as categorias históricas utilizadas lhe são fornecidas por um léxico elaborado anos antes do início de sua atividade acadêmica, por um regime político preocupado em refletir sobre o impacto de sua própria existência na história do Brasil.

O Estado Novo montou uma bem organizada máquina de geração de informações e propaganda. Difundindo um discurso oficial coerente, o regime primou pela tentativa de escrever a história em novos termos, dando primazia aos eventos e resultados de ações creditadas a um grupo específico de homens públicos, em especial a uma figura: Getúlio Vargas.¹² Uma elite imbuída de ideais cívicos teria arrancado o Brasil da condição letárgica em que havia sido jogado pelos detentores da antiga ordem, agora já nomeada “República Velha”, em oposição ao novo, que finalmente teria permitido o encontro do *Brasil real* com o *Brasil legal*.

10“ Os Estados Unidos e a Independência do Brasil”, *Mensário do Arquivo Nacional*, ano 3 (novembro 1972), 6-37. “Os Estados Unidos e a Independência do Brasil”, *Anais do Congresso de História da Independência do Brasil* (6 vols., Rio, 1975), V, 71-94. “Ação Integralista Brasileira: Fascism in Brazil. 1932-1938”, *Luso-Brazilian Review*, 9 (dezembro 1972), 3-29. “Military Influence on Brazilian Economic Policy, 1930-1945: A Different View”, *Hispanic American Historical Review*, 53 (fevereiro 1973), 71-94. “The United States and Brazilian Independence”, *From colony to Nation: Essays on the Independence of Brazil*, compilador A. J. R. Russel-Wood (Baltimore: Imprensa da Johns Hopkins University, 1975), 109-129. “Vargas and Brazilian Economic Development, 1930-1945: A Reappraisal of His Attitude Toward Industrialization and Planning”, *Journal of Economic History*, 35 (dezembro 1975), 754-778.

11 Antes deste período, os interesses de Hilton pareciam difusos, mesmo que já dirigindo-se para o âmbito dos *Latin American Studies*. cf.: “The Church- State Dispute over education in Mexico from Carranza to Cárdenas”, *The Americas*, 21 (outubro 1964), págs. 163-183. “Argentine Neutrality, September 1939-June 1940: A Re-examination”, *The Americas*, 22 (janeiro 1966), 227-257. “The Welles Mission to Europe, February-March 1940: Illusion or Realism?” *Journal of American History*, 58 (junho 1971), 93-120.

12 É grande a bibliografia que discute o discurso político do Estado Novo. Uma revisão pode ser obtida em Losso, 2006. Estudos de relevo podem ser acompanhados em Gomes, 1982 e Gomes, 1996.

Quero chamar a atenção para pontos argumentativos que aparecem simultaneamente na narrativa de Hilton e no discurso do grupo político envolvido com o movimento de 1930, dedicando, para efeito de comparação, especial atenção às idéias recorrentes em *Cultura Política*, revista editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que na primeira metade da década de 1940 contou com a colaboração de nomes importantes da intelectualidade brasileira, constituindo-se na expressão daquilo que pode ser considerado o discurso oficial do Estado Novo (Gomes, 1982).¹³

O primeiro ponto digno de nota diz respeito à maneira como é vista a ordem derrubada pelo movimento de 1930: corrupta e atrasada, um entrave ao desenvolvimento de todas as potencialidades do Brasil adormecido. Isso pode ser identificado nas páginas de *Cultura Política*, quando traz artigo em que a ordem política que precede o movimento de 1930 foi mantida por “indivíduos especializados na técnica de praticar fraudes com aspecto de irrepreensível legalidade”, através dos defeitos da Lei eleitoral da época (Machado, 1941:96).

Caberia aos *outubristas* “restabelecer a ordem na administração e desde já pensar em dar ao Brasil novas leis, novos códigos, nova constituição, mais modernos, mais adequados sob normas mais atuais” (Peixoto, 1960:71). A movimentação política de 1930 teria sido, ainda sob a ótica da guardiã da memória da *era Vargas*, um clamor popular, uma necessidade do país. Uma forma de reordenar a política nacional, agora sobre bases verdadeiramente democráticas (Peixoto, 1960:49). É sobre essa estrutura narrativa que Stanley Hilton ancora a participação de Oswaldo Aranha nas movimentações de 1929 e 1930, construindo um personagem que personifica o homem público tipicamente “outubrista”. Na biografia de Aranha, o cenário e os eventos dos meses que antecedem o golpe, em 03 de outubro de 1930, são montados com contornos que seriam caros aos autores do discurso oficial estado-novista.

Quando inicia a narrativa sobre 1930, Hilton dá pistas sobre direções mestras que seguirá, ao ressaltar determinados elementos dos cenários que constrói com fim de dotar de significado os eventos que narra. Durante os meses que antecedem o golpe, Aranha está “possuído por uma idéia fixa: mudar os rumos da política nacional, colocando no poder seu amigo Vargas”. Tentara por via legal “empenhando-se em fazer da Aliança Liberal um movimento redentor triunfante no pleito marcado para março de 1930”. Impelido por sua “determinação e vontade de derrubar o sistema da *República Velha*”, pretensamente “dominada pela oligarquia paulista” (Hilton, 1994:02. Grifos meus). Quando referindo-se à

¹³Nas palavras de seu editor, *Cultura Política* deveria refletir sobre o Brasil e os rumos do mundo moderno: “As páginas desta Revista procurarão definir e esclarecer êsse rumo [que o Brasil e o mundo tomavam no momento]. Elas serão, nêsse sentido, um espêlho do Brasil. O que somos, o que pensamos, o que realizamos em todos os setores de nossa atividade criadora (...)”. Andrade, 1941:08.

inspiração do levante de 1930, Hilton ressalta que a intenção de “impor a liderança *moralizadora* de seu estado”, objetivo pelo qual estaria disposto “a tudo”, inclusive a “arriscar sua própria vida” (Hilton, 1994:02. Grifo meu.). Moralizar uma ordem política indigna do Brasil seria fator fundamental para compreender as ações políticas de Aranha, portanto. Assinalo que esse é mais um indicativo das conexões entre a história construída por Hilton e a versão outubrista de 1930. Note-se ainda a utilização do termo *ancien régime* para tratar da república anterior ao golpe de 1930 (Hilton, 1994:02), termo que não faria sentido no léxico dos acontecimentos, mas somente depois, quando da escrita sobre sua dinâmica, constituindo-se em elemento norteador de significados.

Considerações Finais

Procurei demonstrar acima algumas conexões entre escritores e protagonistas da história. Em outros termos, entre historiadores e “vultos” públicos. Para efeitos de ilustração da argumentação, tomei como referência de análise a biografia de Oswaldo Aranha escrita por Stanley Hilton, um *brasilianista* típico, que mantinha estreitas relações com Alzira Vargas do Amaral Peixoto, declaradamente “guardião da memória do pai”, Getúlio Vargas (Nedel, 2008).

A proximidade entre o historiador e os detentores do espólio público e privado de figuras envolvidas com os eventos políticos que constituirão parte da História do Brasil é marcada por um compromisso, declarado e aberto no caso de Hélio Silva, com a justiça e com os fatos sob o ângulo dos facilitadores de seu trabalho. No caso da relação entre Stanley Hilton com AVAP, esse compromisso não é declarado nos documentos que foram até agora consultados (e nada sugere que o seja), mas a cordialidade da relação com AVAP e o acesso prioritário a documentos sob sua guarda ou supervisão, indica que a visão de Hilton obtinha o aval da responsável pelo zelo da imagem da trajetória de seu pai.

Pesquisadores que tematizam o Estado Novo lidam com um regime que se auto-imaginou através de vários mecanismos de produção e circulação cultural, de uma revista com preocupações intelectuais como *Cultura Política* até simples propaganda, legando uma memória que circula atualmente, academicamente e socialmente, através dos livros de história. Foi possível notar que a visão de Hilton sobre os eventos que envolvem Oswaldo Aranha acompanha as narrativas e argumentos expostos num veículo oficial de expressão do discurso estadonovista, *Cultura Política*.

O quadro de referências históricas onde o Oswaldo Aranha da biografia de Hilton circula é informado por referências construídas com muita proximidade aos envolvidos nos eventos. Novas investigações, tanto sobre as conexões materiais quando discursivas devem

ser feitas para melhor aquilatar a relação aqui identificada, permitindo um melhor entendimento acerca do processo de construção da história do Brasil, problematizando e aprofundando as conexões que foram indicadas de forma exploratória no presente ensaio.

Referências

Artigos de Cultura Política

ANDRADE, Almir de. **A evolução política e social do Brasil**. Cultura Política. Ano I, vol 1, março de 1941.

Bibliografia

Almeida, Paulo Roberto de. Eakin, Marshall C.. Barbosa, Rubens Antonio. **O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BEVIR, Mark. **The Logic of the History of Ideas**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

GOMES, Angela Maria Castro. OLIVEIRA, Lucia Lippi. VELLOSO, Monica Pimenta. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GOMES, Angela de Castro. DRUMMOND, José Augusto. DEAN, Warren **Warren Dean: um brasilianista**. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 3, n.5, 1990, p.103-113.

HILTON, Stanley. **Oswaldo Aranha: uma biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

LOSSO, Tiago. **Estado Novo: discurso, instituições e práticas administrativas**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2006.

MASSI, Fernanda Peixoto. **Brasilianismo, 'Brazilianists' e discursos brasileiros**. *Revista de Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica**. São Paulo: Nova Stella, 1990.

MOREIRA, Regina da Luz. **Brasilianistas, historiografia e centros de documentação**. *Revista de Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 66-74, 1990.

MOURA, Gerson. **Distância e diálogo: história e ciências sociais nos EUA**. *Revista de Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 1990.

NEDEL, Letícia. **Os papéis de Alzira Vargas: biografia política de um arquivo pessoal**. Anais do IX Encontro Estadual de História, ANPUH/RS, Porto Alegre, 2008.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getúlio Vargas, meu pai**. Porto Alegre: Globo, 1960.

PONTES, Heloísa André. **Brasil com Z**. *Revista de Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 45-65, 1990.

SILVA, Hélio. **O ciclo de Vargas – 1926 – A grande marcha**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

Verbetes *Alzira Vargas do Amaral Peixoto*. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**. Cordenação: Alzira Alves de Abreu... [et al.]. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. pp. 4494-4496.